



Existência lésbica e diferença sexual¹

não basta ser feminista

Andrea Franulic Depix

Para Doménica e Katherine
criadoras do Sul

“Para que as mulheres possam se amar sem necessariamente passar pelo desejo dos homens, elas precisam da reconstrução de uma genealogia feminina, especialmente a valorização da relação vertical mãe/filha, que dá forma e permite uma abertura para a transcendência dentro da horizontalidade das relações entre as mulheres, que de outra forma correm o risco de cair em uma fusão sem forma ou de cair em uma competição selvagem, quase animalésca, que, na ausência de regras, seria inevitavelmente destrutiva.” (Wanda Tommasi)².

¹ N.A. Escrevi este texto para apresentá-lo no II Encuentro de Feminismo Radical y Lesbiano: “El problema de la heterosexualidad”, organizado pelas Feministas Radicais e Lésbicas de Chillán (Sul do Chile, 29 de setembro de 2018). Desde então tecemos laços, a partir das raízes, com Doménica Francke-Arjel e Katherine Cuevas Fuentealba, feministas radicais e lésbicas da diferença.

² TOMMASI, Wanda. “El ser no es neutro”, em: *Filósofos y mujeres: la diferencia sexual en la historia de la filosofía*. Madrid: Narcea Ediciones, 2014.



Quando me atrevi a me aventurar em minha *existência lésbica*³, o fiz motivada por idéias feministas que evidenciavam a experiência lésbica com todo seu potencial de transformação do mundo. Curar-nos da misoginia imposta amando outra mulher fazia parte do que a tomada de consciência feminista prometia. A este horizonte de reflexões se devia a ideia de que não bastava ser lésbica para mudar o mundo, era necessário acrescentar o feminismo. Entretanto, apesar do feminismo, as vivências de sensualidade e amor com outra mulher nem sempre trouxeram felicidade, elas também causaram sofrimento. Isto aconteceu comigo e, como eu vim a saber, com várias mulheres feministas e lésbicas. Além do que cada uma traz de sua biografia, que pode reforçar nós⁴ patriarcais, como inseguranças, traumas, etc., e situando-me na esfera política, embora saibamos que *o pessoal é político*, eu poderia dizer que também não basta ser uma feminista. Aqui, refiro-me, inclusive, ao feminismo radical. Creio que falta à experiência lésbica uma maior consciência de sua diferença sexual feminina. Uso a expressão "diferença sexual feminina" para me referir ao fato irreduzível de nascer com um corpo sexuado de mulher e à significância deste fato, ou seja, nós lhe damos significados ao longo da vida,

³ RICH, Adrienne. "Heterossexualidad obligatoria y existencia lesbiana (1980)", em: *Sangre, pan y poesía*. Barcelona: Icaria, 2001, pp. 41-86.

⁴ N.T. Entre as autoras do *feminismo da diferença* e da *história vivente* é comum o uso da palavra "nudo", em português "nó", para discutir pontos de tensão, de amarração, em que ficamos presas e sufocadas. Pense em um nó apertado e difícil de desamarrar, essa imagem representa o estado em que nos encontramos antes de uma elevação de consciência ou epifania de realidade que nos permite respirar livremente.



mediados principalmente por palavras, portanto, não é um fato reduzido à biologia⁵.

Para me sentir livre, continua sendo fundamental descolonizar-me dos nós impostos pelo já agonizante patriarcado e a profundidade que este ato exige está ligada a mim e às minhas relações com outras mulheres. No entanto, a existência lésbica tem sido separada do *sentido livre de ser uma mulher*⁶. Penso que isto se deve a que, historicamente, pela existência lésbica ter rompido com as codificações da feminilidade patriarcal — e a isso se deve parte de seu encanto —, foi situada pelo patriarcado, que é reativo e visa nos prender em dicotomias, no masculino. Pelo fato de nos expressarmos, criarmos, falarmos, levantarmos nossas vozes, escolhermos não ser mães, ou mesmo pela maneira como nos vestimos ou pelo corte de cabelo que adotamos, o imaginário infeliz do regime patriarcal dirige toda uma série de desqualificações para as mulheres lésbicas. As expressões depreciativas representam a violência à qual a existência lésbica tem sido submetida, devido à desordem simbólica patriarcal, pela qual, se você não segue feminilidade patriarcal, você é masculina, e ambos os lugares respondem a estereótipos reducionistas e não às nossas verdades como mulheres lésbicas.

Também se deve ao fato de que a tradição do pensamento patriarcal, a partir de suas três bandeiras fundamentais: filosofia, religião e ciência, tem se

⁵GARRETAS, María-Milagros Rivera. “¿Qué es la diferencia sexual?”, em: *La diferencia sexual en la historia*. España: Universitat de Valencia, 2005, pp. 13–38.

⁶ Ver GARRETAS, María-Milagros Rivera, Op. Cit., 2005.



esforçado muito para apagar e negar a diferença sexual feminina. Esta operação, que se repetiu ao longo da história, teve um culminar final, do qual ainda estamos sofrendo os efeitos posteriores: o da modernidade. É então (do século XVII em diante) que se consolida e se confina, pelo conhecimento atrelado ao poder, uma forma renovada do androcentrismo habitual: a ideia de um sujeito universal, que se presume neutro, mas que carrega em si implicitamente o sexo masculino, em torno do qual são desencadeadas as lutas pelos direitos de cidadania e pelas ideias de igualdade⁷. Atualmente, podemos observar, em termos gerais, uma aparente homologação das mulheres e lésbicas com os homens nas diferentes esferas da vida. Ainda mais, porque a tudo isso podemos acrescentar o efeito das teorias pós-modernas, que vêm reforçar, agora no século XXI, o mesmo androcentrismo instaurado pela cosmovisão moderna do mundo.

As teorias pós-modernas, embora questionem as ideias de universalidade e igualdade, continuam a negar a diferença sexual como fonte significativa e, portanto, também se agarram à tradição, só que agora a definem não como um dado empírico à maneira moderna, mas como uma construção discursiva que pode ser desconstruída. Sem ir tão longe, a teórica francesa Monique Wittig⁸ afirma que “lésbicas não são mulheres”, porque entende a diferença sexual como uma construção de dominação patriarcal, projetada na dicotomia homem/mulher. Assim, as lésbicas, ao não entregarem suas energias produtivas,

⁷ Ibid.

⁸ Ver WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual*. Madrid: Egales, 2006.



emocionais e sexuais a um homem, rompem com esta dicotomia e abandonam o lugar da "mulher", ao mesmo tempo em que contribuem para a desconstrução da própria categoria *mulher* no discurso.

Wittig reduz ser mulher à condição feminina, ou seja, às condições de opressão da mulher na sociedade patriarcal. Portanto, ela não valoriza o significado livre da diferença sexual⁹. Com esta visão, ela se mantém no fio da tradição androcêntrica do pensamento: o sexo feminino é entendido como uma corrente de cujo peso é necessário emancipar-se, libertar-se. Este fio de filosofia androcêntrica, que percorre o discurso de Wittig, sufoca a mim e, também, a ela, pois é a razão pela qual ela não quer ver, a razão que explicaria porque as lésbicas, embora optemos por não dar nossas energias emocionais e sexuais aos homens, não abandonam automática ou necessariamente o regime sócio-simbólico patriarcal.

Além disso, este discurso contribui para a construção de uma identidade lésbica, e a identidade é o oposto da diferença. A autora separa as lésbicas das mulheres, assim como o patriarcado e seus postulados progressistas, que se impõem sobre nossa *experiência comum*, como se tivessem medo dela, subordinando-a, por exemplo, à divisão de classes sociais, raças ou idades, e declarando como inimigas mulheres ricas e pobres, mulheres negras e brancas, mulheres velhas e jovens e, agora, lésbicas e mulheres. Não obstante, as identidades são funcionais ao regime patriarcal porque permitem sujeitar a

⁹ Wanda Tommasi distingue entre *condição feminina* e *diferença feminina*. Ver TOMMASI, Wanda. Op. Cit., 2014.



potencialidade da diferença sexual a um processo de duplicação e, desta maneira, administrá-la. Por exemplo, a feminilidade patriarcal é uma das identidades-chave para controlar a liberdade das mulheres. Consequentemente, se Wittig reconhece a história lésbica, sua genealogia, na plena materialidade da ruptura com a heterossexualidade instituída, mas ao mesmo tempo nega a diferença sexual feminina, ela nos deixa com uma memória truncada e nenhuma independência simbólica em relação aos homens, pois esta não se deve à condição feminina, mas à diferença feminina, que, no sentido mais elementar, implica nascer com um corpo sexuado feminino, cuja natureza é irreduzível à do corpo sexuado masculino.

A diferença

Quando a diferença sexual feminina se expressou livremente em algum momento da história, foi porque as mulheres saíram das estruturas patriarcais mais ancoradas ao *contrato sexual* (Carole Pateman) e ao regime da heterossexualidade obrigatória: o modelo sexual do coito, o casamento, a maternidade obrigatória e os papéis consagrados da família. A historiadora María-Milagros Rivera Garretas encontrou sinais concretos disso na Baixa Idade Média e antes¹⁰. São vestígios imprescindíveis que sobreviveram à grande queima de registros que o *ginocídio*¹¹ contra as bruxas implicou. Mulheres como as Beguinhas, as Místicas, as Trovadoras, as Muradas, as Viajantes, as

¹⁰ Ver GARRETAS, María-Milagros Rivera. Op. Cit., 2005

¹¹ N.A. Eu li o termo "ginocídio" em Andrea Dworkin, no entanto, ele foi criado Mary Daly: "Um termo cunhado por Mary Daly para se referir ao assassinato premeditado de mulheres", em <http://www.ub.edu/duoda/diferencia/html/es/glosario.html>



Vagabundas, entre outras, fizeram de sua marginalidade o lugar de seu poder e do livre pensamento. Elas inventaram novas formas de vida entre elas e o mundo e diferentes formas de espiritualidade livre. A fuga do regime heterossexual foi literal, porque as experiências coincidiram com o impulso e a ação de deixar as jaulas patriarcais e refugiar-se ou viver em ilhas, bosques, mosteiros projetados por elas mesmas, mesmo entre muros ou, alegoricamente, na *cidade das damas*¹².

Estas e outras mulheres nomearam suas diferenças sexuais a partir de si mesmas. Infelizmente, em alguns casos, elas tiveram que enclausurar seus corpos ou deformar seus rostos. O fechamento era a única maneira de sobreviver em um patriarcado violador. Outras mulheres experimentaram a sensualidade lésbica e amor entre as mulheres, apesar da perseguição e punição. As Bruxas são um excelente exemplo de como a consciência da diferença sexual feminina permite a experiência e a nomeação de outras formas de sensualidade e a criação de conhecimento. Somente a consciência da diferença sexual permite a expressão da diferença existencial da mulher através da busca por palavras autênticas e da criação de formas originais de vida. Começamos a criar e descobrir um senso livre de ser mulher quando finalmente ousamos ser nós mesmas e trazemos nossas verdades para a luz do sol.

Para isso, é necessário abandonar o jogo com o poder, tanto na esfera pessoal quanto na esfera política. As mulheres que mencionei conseguem **ser**

¹² Ver PIZÁN, Cristina. *La ciudad de las damas*. España: Siruela, 2013. O livro é originalmente de 1401.



porque romperam os grilhões do *contrato sexual* e da *heterossexualidade obrigatória*, considerando o contexto do patriarcado em que cada uma teve que viver. Logo, este ato de não pertencer ao sistema nem desejá-lo, ou seja, de "não vender a mente" (Virginia Woolf), transforma-o em um lugar de potência criativa, de onde emanam novos significados, mediados pelas palavras do simbólico da mãe, que guiam nossos passos no mundo e configuram nossas relações, sempre de acordo com nossos desejos livres.

A proposta

Para mim, a existência lésbica está ligada à história da mulher para além do sistema. Portanto, está também ligada a um sentido livre de ser mulher e, como Maria-Milagros Rivera Garretas o chama, a um feminino livre¹³, que busca sua expressão nas palavras da língua materna. Como diz Muraro¹⁴, aprendemos a língua materna da mãe, em relação a ela, em um equilíbrio harmonioso entre horizontalidade e verticalidade¹⁵. Neste sentido, as pensadoras da diferença sexual consideram que as relações entre mulheres devem recuperar o ponto de vista da primeiríssima infância da relação da mãe com a filha, onde a criança se confia plenamente à mãe e reconhece sua autoridade (de *augere*, que etimologicamente significa "fazer crescer" ou "dar origem") como doadora da

¹³ Ver GARRETAS, María-Milagros Rivera. "Carla Lonzi y otras. Los manifiestos de Rivolta Femminile. La revolución clitorica". Disponível em: <http://www.ub.edu/duoda/bvid/text.php...>, 2019.

¹⁴ Ver MURARO, Luisa. *El orden simbólico de la madre*. Madrid: Horas y Horas, 1994.

¹⁵ Ver TOMMASI, Wanda., Op. Cit., 2014



vida e da palavra, a mesma autoridade que o regime patriarcal então usurpa dela.

Os signos de liberdade feminina que são reconhecidos na Baixa Idade Média vão de mãos dadas com a existência simbólica da relação com a mãe que aparece na escrita, na pintura, na música e na prática de vida criadas pelas mulheres lésbicas medievais¹⁶. Em vez de verticalidade, outras pensadoras da diferença usam a palavra *disparidade*¹⁷. Verticalidade ou disparidade, a verdade é que esta é a parte mais confusa que experimentamos nos vínculos entre mulheres, precisamente porque a relação entre mãe e filha, e vice-versa, é a ferida que sangra na civilização e em cada mulher.

Retornando à minha afirmação inicial, e diante da pergunta acerca das razões do sofrimento, penso que não basta ser lésbica e feminista se não criarmos e descobriremos um *feminino livre*, cujos traços estão inscritos no *simbólico da mãe*, onde o desejo não se instale apenas em relacionar-se horizontalmente, mas também na *disparidade*, como dois lados da mesma moeda. Portanto, a horizontalidade deve ser pensada ao lado da disparidade. Pois, a horizontalidade, que é mais do que necessária, pensada sem *disparidade*, nos faz correr o risco de voltar ao mundo das *idênticas* (Celia Amorós), embora em uma versão melhorada. Neste contexto, algumas autoras argumentam que às vezes é impossível reparar o vínculo primário com a própria mãe, no entanto, é possível experienciar sua potência no relacionamento com outras mulheres,

¹⁶ Ver GARRETAS, María-Milagros Rivera. Op. Cit., 2005.

¹⁷ Ver Librería de Mujeres de Milán. *No creas tener derechos*. Madrid: Horas y horas, 2004.



contemporâneas e históricas. Se as relações entre mulheres, sejam elas intelectuais, políticas, sensuais ou amorosas, não acomodam esta *disparidade* como eixo articulador da relação, eixo esse que é móvel, é provável que estas relações se tornem informes e destrutivas em uma competição, como argumenta Wanda Tommasi, e é provável que seja uma competição não reconhecida.

Se em uma relação amorosa lésbica, por exemplo, suas integrantes não reconhecem a *autoridade* de suas respectivas mães, ou nem mesmo têm consciência do peso vital e cultural que isso tem, é muito provável que a relação incorpore elementos destrutivos, ao projetar essa falta de história e de sentido sobre a outra mulher, gerando, como disse no parágrafo anterior, uma competição informe, às vezes ocultada. Por esta razão, é importante tentar transferir a figura da *disparidade* para o reconhecimento mútuo do *mais*¹⁸ da outra e confiar nela, para que da relação surja uma verdadeira confiança, na qual a vida e a palavra de cada uma se expresse livre e criativamente, para que seja perceptível que existem pelo menos duas ali, pois no esmagador *um* repousa o domínio. Como fazer deste um modo de vida baseado na confiança mútua, que é fundamental para a liberdade? Os traços genealógicos da liberdade das mulheres podem nos dar algumas respostas, porque nos dão uma visão dos modos de vida das mulheres sábias do passado. Caso contrário, os

¹⁸ N.T. A expressão “o mais da outra” ou “o mais das mulheres” visa reforçar aquilo específico das mulheres, ou de uma mulher singular. O algo a mais que apenas nós (coletivamente, enquanto sexo) e apenas ela/eu/você (singularmente, enquanto uma mulher única) traz ao mundo.



campos patriarcais de significado imporão, com a força habitual, suas codificações seculares sobre a inveja entre as mulheres. E sem o *simbólico da mãe* para contrariá-los, uma desejará aniquilar, roubar ou absorver, como uma vampira, a *diferença* da outra, porque a inveja é a distorção/deturpação patriarcal do desejo intenso por outra mulher, mas um desejo sem memória do *mais feminino*.

Tradução: Monalisa Almeida Cesetti Gomyde.

As Ondas Editora.

44.314.346/0001-30

asondaseditora.com.br